

Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação*

The Romantic Attachment Questionnaire: Development and validation studies

PAULA MENA MATOS¹, SÓNIA BARBOSA² & M^a EMÍLIA COSTA³

RESUMO

Com o objectivo de avaliar a relação amorosa em adolescentes e jovens adultos numa perspectiva de vinculação, o presente artigo descreve o processo de desenvolvimento e de validação de um instrumento de auto-relato, cuja elaboração é inspirada nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby (1973, 1977) e de Ainsworth (1982; 1989; 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991), e na proposta de avaliação da vinculação de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Os procedimentos de análise factorial em componentes principais apontam para uma estrutura factorial em torno de 4 dimensões (*confiança no companheiro enquanto figura de vinculação, dependência, evitamento e ambivalência*), consistentes internamente e teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação. Uma análise de *clusters* permite determinar configurações específicas na organização das dimensões, que evidenciam os quatro protótipos de vinculação de acordo com o modelo de Bartholomew (o *seguro*, o *preocupado*, o *amedrontado* e o *desinvestido*).

Palavras-chave

Vinculação, relações românticas, avaliação psicológica, adolescência e jovens adultos.

¹ Assistente Convidada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

Email: pmmatos@psi.up.pt

² Bolseira de Iniciação à Investigação no âmbito do projecto acima referido (BIC/14736/97).

Email: sbarbosa@psi.up.pt

³ Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

Email: ecosta@psi.up.pt

ABSTRACT

This paper presents the development and initial validation process of a self-report measure designed to evaluate adolescents' and young adults' representations of romantic attachment, according to attachment theory, and specifically Bowlby's (1973, 1977), and Ainsworth's (1982; 1989; 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991) contributions, and based on Bartholomew's (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) bi-dimensional measurement model. Principal components analysis evidenced an internally reliable four-factor structure (*confidence in the partner as an attachment figure, dependence, avoidance and ambivalence*). Cluster analysis revealed specific attachment configurations in the organization of the dimensions that resemble closely Bartholomew's attachment prototypes.

Key-words

Attachment, romantic relationships, psychological evaluation, adolescence and young adulthood.

INTRODUÇÃO

A investigação no âmbito da vinculação na adolescência tem privilegiado o estudo da contribuição da qualidade das relações de vinculação com a família para o ajustamento psicossocial dos indivíduos, como o demonstram uma vasta quantidade de estudos empíricos. Menor atenção tem sido atribuída nesta faixa desenvolvimental ao papel da relação amorosa como contexto de vinculação, isto é, como contexto que contribui, a par de outros, para a elaboração ou reelaboração de um sentido interno de segurança pessoal, fundamental para o exercício autónomo de um papel diferenciado nos diversos contextos em que o sujeito participa.

Sem desvalorizar funções importantes que o namoro poderá servir, como, por exemplo, as de afiliação, recreação, socialização, obtenção de prestígio social, experimentação e satisfação sexual (McCabe, 1984; Roscoe, Diana & Brooks, 1987; Skipper & Nass, 1966), pretende-se explorar em que medida as relações amorosas nos adolescentes e nos jovens adultos se podem constituir como um cenário importante para testar as representações acerca de si próprio e dos outros relativamente a situações de proximidade emocional. Referimo-nos, essencialmente, à avaliação que o sujeito faz de si próprio enquanto merecedor do afecto e atenção, e à avaliação que faz da disponibilidade e da sensibilidade do outro para dar resposta às suas necessidades de segurança e protecção (Bowlby, 1973; Hazan & Shaver, 1994).

Para muitos adolescentes este não é, ainda, o contexto mais significativo de vinculação, e a família desempenha o papel central ao constituir-se como base segura que permita ao jovem explorar o mundo em seu redor

com confiança. As experiências amorosas não têm a permanência no tempo para se constituírem como vinculações, nem o outro assume um carácter de exclusividade na vida do sujeito. Mais frequentemente as fontes de segurança do adolescente e do jovem adulto repartem-se pelas diferentes ligações afectivas significativas, seja no contexto da família, seja no contexto de uma relação amorosa, seja, ainda, no contexto de algumas relações de amizade. Mais tarde, e embora o sujeito disponha de um conjunto mais ou menos alargado de figuras, que potencialmente podem servir funções de vinculação, o par amoroso tende a assumir o primeiro lugar na hierarquia das figuras de vinculação (Hazan & Zeifman, 1994; Trinke & Bartholomew, 1997).

De qualquer modo, apesar de ser escassa a investigação no domínio das relações amorosas na adolescência, a importância subjectiva do envolvimento amoroso é bem visível a partir das manifestações de luto a que a sua dissolução muitas vezes dá origem, afectando, em muitos casos, outras dimensões da adaptação psicossocial do sujeito, como sendo, por exemplo, a realização escolar ou académica (Kaczmarek, Backlund & Biemer, 1990; Okun, Taub & Witter, 1986; Pistole, 1995; 1996). A questão do luto pós perda é, aliás, especialmente significativa no contexto da teoria da vinculação, que afirma que um dos indicadores da existência de um vínculo emocional são justamente as reacções emocionais de protesto e de ansiedade decorrentes da perda da relação (Bowlby, 1980).

Hazan e Shaver (1987; Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988) foram os primeiros autores a explorarem empiricamente a possibilidade de o amor romântico ser perspectivado a par-

tir da teoria da vinculação, procurando avaliar a relação entre padrões de vinculação e o modo como os indivíduos experienciam e se envolvem nas relações amorosas. Influenciados pelo pensamento dominante no domínio da vinculação na infância, os autores construíram um instrumento que solicita aos respondentes uma escolha forçada entre três parágrafos, descritivos de diferentes estilos de vinculação amorosa, e que procuram ser a tradução para adultos do sistema de três categorias de Ainsworth e colaboradores (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Uma das preocupações centrais dos autores consistia precisamente em avaliar em que medida seria possível encontrar, no âmbito da relação amorosa no adulto, uma distribuição e conteúdos organizadores de diferenças individuais semelhantes aos encontrados nas crianças. Deste modo, testariam a hipótese de a vinculação na infância e o amor romântico serem manifestações de um mesmo processo subjacente com dinâmicas semelhantes. Os resultados apontaram para a existência de padrões de vinculação semelhantes na sua organização qualitativa e na distribuição aos encontrados nas crianças, que os autores designaram de *seguro*, *preocupado* e *evitante*, associados, conforme previsto, a diferentes formas de experienciar o relacionamento amoroso.

Mais tarde, Bartholomew (1990, Bartholomew & Horowitz, 1991) propôs um modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação no adulto, baseado nas proposições teóricas de Bowlby (1969/82, 1973, 1982) e que

resultou, igualmente, da constatação de que, embora sob designações muito próximas, as categorias medidas pela *Adult Attachment Interview* (George, Kaplan & Main, 1984) e pelas respostas aos parágrafos de Hazan e Shaver evidenciam diferenças fundamentais na asserção do constructo de evitamento.

Neste sentido, a autora propôs a consideração de dois grupos distintos de sujeitos evitantes. O primeiro corresponde aquele que, na linha de Main e colaboradores, é referido como desligado e que descreve um padrão defensivo de manutenção de um sentido de autosuficiência, a partir da desvalorização das relações de vinculação¹. O segundo assemelha-se ao estilo evitante de Hazan e Shaver e configura um padrão de evitamento caracterizado pelo desejo de intimidade e, simultaneamente, um medo antecipado da rejeição².

Este modelo organiza-se em torno da positividade e da negatividade de duas dimensões latentes, representadas pelo modelo de si próprio e pelo modelo do outro, supostamente subjacentes aos modelos internos dinâmicos e que representam expectativas gerais acerca do valor do *self* e da acessibilidade e disponibilidade dos outros. Da intersecção entre estas duas dimensões resultam quatro padrões de vinculação (o *seguro* - modelo positivo de si próprio e do outro; o *preocupado* - modelo negativo de si próprio e positivo do outro; o *amedrontado* - modelo negativo de si próprio e do outro; e o *desinvestido* - modelo positivo de si próprio e negativo do outro), conceptualizados

1 Passaremos a designar este padrão de desinvestido como tradução de *dismissing*.

2 Passaremos a designar este padrão de amedrontado como tradução de *fearful*.

enquanto estratégias prototípicas de regulação emocional e de comportamento interpessoal em situações de proximidade afectiva.

Com o objectivo de avaliar a relação amorosa do adolescente e do jovem adulto numa perspectiva de vinculação, o presente artigo descreve o processo de desenvolvimento de um instrumento de auto-relato, cuja elaboração é inspirada nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby (1973; 1977; 1980) e de Ainsworth (1982; 1989; 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991) e no modelo bi-dimensional de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Apresentam-se, ainda, as qualidades psicométricas do mesmo, com base na avaliação da estrutura factorial e da consistência interna das dimensões subjacentes. Finalmente, avalia-se a correspondência substantiva de configurações obtidas a partir de uma análise de *clusters* aos protótipos propostos por Bartholomew, numa tentativa de iniciar o processo de testagem da validade de constructo.

Este instrumento pretende constituir-se, por um lado, como uma medida válida e fiável, útil para o estudo e a investigação das relações de vinculação amorosa em países de língua portuguesa, e por outro, como um meio propício ao trabalho terapêutico e à avaliação da mudança psicológica, destinando-se, assim, a ser igualmente utilizado em contextos clínicos. A adequação do instrumento para a prossecução deste segundo objectivo, não será, porém, matéria de discussão neste artigo.

DESENVOLVIMENTO

DO INSTRUMENTO

A abordagem conceptual de avaliação das diferenças individuais

A elaboração do instrumento procurou conciliar uma abordagem dimensional com uma abordagem prototípica da avaliação da vinculação, por oposição a abordagens categoriais e tipológicas da vinculação. Do ponto de vista teórico, esta opção equivale a considerar-se a possibilidade de coexistência de manifestações de vários padrões de vinculação simultaneamente (ainda que em grau variável, certamente), assumindo-se uma maior diversidade dos indivíduos que constituem cada grupo. Por outro lado, traduz-se igualmente na necessidade de definição das componentes essenciais das relações de vinculação, num esforço importante de delimitação teórica do constructo. Do ponto de vista psicométrico, e particularmente na elaboração de instrumentos de auto-relato, esta opção operacionaliza-se na transformação do formato de resposta de escolha forçada em escalas contínuas, e na criação de um conjunto de itens organizadores de dimensões importantes da vinculação, por oposição a categorias fechadas mutuamente exclusivas, permitindo, assim, uma avaliação mais rigorosa da fiabilidade do instrumento.

Organização temática do instrumento

Com base nas propostas teóricas e conceptuais de Bowlby e Ainsworth procedeu-se, então, à definição prévia de dimensões consideradas componentes essenciais das relações de vinculação. Por relações de vinculação ou ligações afectivas de proximidade entendem estes autores aquelas relações que são únicas e exclusivas³, que constituem

importantes recursos na procura de conforto e de apoio, e cuja proximidade física e emocional é desejada sobretudo em situações consideradas ameaçadoras pelo sujeito. São, ainda, aquelas relações que implicam afectos intensos, particularmente em momentos de separação e de perda. Finalmente, são aquelas relações que funcionam como uma base segura, ou seja, que, de forma sustentada, incentivam o que poderíamos designar de “voo curioso e participado” do sujeito por outros contextos de existência, permitindo-lhe envolver-se em movimentos exploratórios com confiança (Ainsworth, 1989; 1991; Bowlby, 1973; 1977; 1980).

Dez dimensões foram, então, escolhidas para definir as componentes de vinculação no jovem e no adulto, a saber: (1) procura de proximidade, (2) ansiedade de separação, (3) medo da perda, (4) confiança na figura de vinculação para providenciar apoio, (5) responsividade, (6) exclusividade da relação, (7) admiração, (8) base segura, (9) individualidade e (10) descentração de perspectiva. Estas dimensões organizam-se em dois grandes temas, a vinculação e a exploração. A utilização do conceito de exploração prende-se com o facto de a organização da vinculação não ser acessível apenas a partir de comportamentos de vinculação, mas também de exploração (Ainsworth, 1989), assumindo-se como um conceito definidor da própria vinculação. Dito de outro modo, a qualidade da exploração é um importante indicador da natureza da vinculação. As sete primeiras

dimensões dizem respeito directamente ao tema da vinculação e as três últimas ao da exploração.

A formulação dos itens foi, ainda, orientada pelo modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação de Bartholomew e colaboradores (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Griffin & Bartholomew, 1994a; 1994b). Na escolha da formulação dos itens, atendeu-se, assim, ao modo como cada um dos padrões de vinculação referidos por Bartholomew se comportaria relativamente a cada uma das dimensões anteriormente referidas. Ou seja, para cada dimensão foram escolhidos pelo menos dois itens que corresponderiam a cada um dos quatro padrões de vinculação.

De um vasto leque de itens, resultaram, após a eliminação de itens redundantes e pouco compreensíveis, um conjunto inicial de 84 itens, que foi submetido a procedimentos de reflexão falada junto de uma pequena amostra (N=21) de sujeitos do ensino secundário e universitário, distribuídos por ambos os sexos. Procurou-se avaliar o modo como o questionário foi percebido no que diz respeito: (a) ao formato e à compreensão das instruções; (b) à compreensão dos diferentes itens e (c) à aparência visual do questionário e ao formato de resposta. Desta actividade resultaram algumas alterações na construção frásica dos itens, por forma a garantir uma compreensão mais clara dos seus conteúdos.

3 Entendam-se «únicas e exclusivas» no sentido atribuído por Ainsworth (1989, p.711) «...the partner is important as a unique individual and is interchangeable with none other. (...) ...an attachment figure is never wholly interchangeable with or replaceable by another, even though there may be others to whom one is also attached.»

Instruções e Formato de Resposta.

Ao respondente é solicitado que “identifique as respostas que melhor exprimem o modo como se sente na relação que tem com o(a) seu(sua) namorado(a)”, pelo que o questionário se centra numa relação específica, podendo esta ser, caso exista, a actual ou aquela que no passado foi a mais duradoira. Caso os participantes não tenham tido ainda tido uma relação, que considerem de namoro, são instruídos a responder “imaginando como gostaria que fosse uma relação sua com um(a) namorado(a)”. Por último, é ainda dada a hipótese aos participantes de responder ao questionário, na ausência de relações de namoro, mas reportando-se a relações em que tenham “curtido”. Os questionários que se inserem nas duas últimas alternativas não serão considerados para efeito das análises factoriais e dos restantes procedimentos estatísticos.

Embora o questionário solicite aos participantes para, ao responderem, pensarem numa relação específica, pensamos que as respostas são influenciadas tanto por características relacionais da relação actual (ou passada) e do comportamento do companheiro, como também pelos modelos que o sujeito foi construindo ao longo de diferentes relações e que se constituem como expectativas e grelhas de leitura pessoais das relações actuais. Neste sentido, as respostas aos itens são interpretações ou construções das realidades interpessoais e não traduções dessas mesmas realidades, pelo que se assume uma dinâmica interactiva entre características pessoais dos sujeitos envolvidos e características imprimidas pelo sistema relacional.

A escala de resposta distribui-se por quatro alternativas (*é sempre assim; é muitas*

vezes assim; é poucas vezes assim; nunca é assim), embora em últimas versões, cujos resultados não serão apresentados neste momento, se tenha alargado para uma escala tipo *Likert* de seis pontos (de *concordo totalmente a discordo totalmente*).

MÉTODOS

Amostra

O instrumento foi administrado a uma amostra de 365 participantes, de ambos os sexos (64,4% do sexo feminino e 35,6% do sexo masculino) e com idades compreendidas entre os 17 e os 22, situando-se a média em 17,5 anos (desvio padrão de 0,81). Os participantes frequentam na totalidade o 12º ano de escolaridade da via de prosseguimento de estudos de escolas públicas da Área Metropolitana do Porto, sendo que 43% estão integrados no agrupamento Científico-Natural, 27% no agrupamento Humanidades, 21% no Económico-Social e finalmente 9% no agrupamento de Artes. Estes jovens são provenientes, na sua grande maioria (90%), de famílias intactas, sendo os restantes 10% representativos de situações de separação, divórcio ou viuvez. A maioria destas famílias (61,4%) são constituídas por fratrias de dois irmãos, sendo que 15,9% dos participantes são filhos únicos, e os restantes (22,7%) estão inseridos em famílias com três ou mais filhos. Aproximadamente 50% dos pais frequentaram a escolaridade até o 6º ano, e cerca de 22% têm cursos de bacharelato ou de licenciatura. Dos restantes, cerca de 15% concluíram entre o 7º e o 9º anos de escolaridade, e cerca de 13% entre o 10º e o 12º anos de escolaridade.

Esta amostra é uma amostra controlada do ponto de vista da existência de experiências de relações amorosas actuais ou no passado, proveniente de uma amostra mais alargada de 480 participantes. Isto é, trata-se de sujeitos que referem terem actualmente um(a) namorado(a), ou terem tido no passado um(a) namorado(a). Refira-se, que, embora não tenha sido fornecida nenhuma definição criteriosa do conceito de namoro, como já referimos anteriormente foi dada a possibilidade de escolha entre várias alternativas, sendo que uma delas procurava incluir as experiências, habitualmente designadas pelos jovens como de «curtir», não tendo sido incluídas na amostra, pelo facto de na generalidade não ser suposto potencializarem experiências de vinculação⁴.

Do ponto de vista da duração das relações, verificamos que 42,8% dos participantes se reportam a relações que duraram até 6 meses, 26,5% duraram entre 6 meses e 1 ano, 18,5% duraram entre 1 ano e 2 anos e finalmente 12,5% tiveram uma duração superior a 2 anos. Em média, as relações tiveram uma duração de 12,79 meses.

Procedimento

A administração do instrumento foi feita em turmas inteiras, durante um período lectivo, juntamente com instrumentos de outra natureza. Os instrumentos foram apresentados em ordens diversas, por forma a controlar efeitos de sequência, ou seja, a influência

sistemática das respostas a um instrumento sobre as respostas ao seguinte.

Os participantes foram informados, oralmente e por escrito, dos objectivos do estudo, tendo sido solicitada a sua participação voluntária, não se assistindo a recusas. Não foi dado tempo limite para o preenchimento dos questionários. Apenas se solicitou aos participantes que respondessem aos questionários de uma vez só, e que dessem resposta a todas as questões.

RESULTADOS

Estrutura factorial

Para o estudo da validade do instrumento, e mais especificamente da sua estrutura interna, realizaram-se procedimentos de Análise Factorial Exploratória em Componentes Principais. Verifica-se que o *ratio* número de sujeitos por item é de cerca de 4,3/1 (365/84), aproximando-se do critério sugerido por vários autores de 5/1 como condição importante para a obtenção de factores fiáveis e interpretáveis (Comrey, 1978; Tinsley & Tinsley, 1987). Recorde-se que a ligeira distância do valor de critério se deve ao facto de terem sido retirados da amostra final 23,5% dos participantes da amostra inicial. De qualquer modo, o teste de esfericidade de Bartlett apresenta um valor de 13666,495 ($p < 0,001$) e o teste de Kaiser-Meyer-Olkin um valor de 0,9014, apontando para a boa adequação da matriz de dados a procedimentos de análise factorial.

4 A título de informação, desta amostra mais alargada, 13% dos sujeitos não tiveram ainda uma relação amorosa, 9,2% haviam «curtido» e consideraram nunca ter tido uma relação de namoro e, finalmente, 1,3% afirmaram não desejar vir a ter uma relação de namoro.

Foram testadas diferentes estruturas factoriais, após rotação ortogonal (*varimax*) e oblíqua (*direct-oblimin*), assumindo-se na eliminação de itens os seguintes critérios: (1) o baixo poder discriminativo, considerando-se não aceitável a presença de uma percentagem superior a 60% numa única alternativa de resposta; (2) uma saturação inferior a 0,40 num factor; (3) a correlação simultânea com dois factores, sendo que a distância entre ambos os valores não diste em mais do que 0,1; e (d) a ausência da contribuição do item para o aumento da consistência interna. Estabeleceu-se igualmente como critério que a estrutura explicasse pelo menos 40% da variância total. A extracção dos factores foi precedida pela avaliação do teste *scree* de

Cattell (Cattell, 1966) e por critérios substantivos e de interpretabilidade, tendo-se procurado a aproximação a uma estrutura o mais parcimoniosa possível.

No decurso de sucessivas análises decidiu-se por uma estrutura factorial, após rotação *varimax*, composta por 46 itens, distribuídos por 4 factores, que explica 45,1% da variância total (Quadro 1). Os itens que constituem cada factor contribuem essencialmente para a variância daquele factor, revelando-se o poder discriminativo bastante bom. Nesta estrutura estão presentes itens de todas as dimensões conceptuais que apoiaram a construção do instrumento, bem como de cada um dos protótipos de vinculação de Bartholomew.

Quadro 1. Estrutura factorial do QVA

Factores	F 1	F 2	F 3	F 4
Dimensões/ Itens				
<i>Desconfiança</i>				
7. Ela dá-me coragem para enfrentar situações novas.	,69532	,14824	-,16600	
22. A minha namorada respeita os meus sentimentos.	,67928			
11. As minha conversas com ele não me trazem nada de novo.	,65639		,29141	
60. Confio nele para me apoiar nos momentos difíceis da vida.	,65272	,28364	-,27519	
36. A minha namorada compreende-me.	,65261	,22376		-,22265
61. O meu namorado só pensa nele.	,65170		,22240	,27766
28. Desagrada-me a maneira de ser da minha namorada.	,65117			,28312
64. A minha namorada faz-me sentir bem comigo próprio.	,64243	,24636	-,18360	
54. Discutir assuntos com ele é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	,61308		,21193	
73. Sei que posso contar com a minha namorada sempre que precisar dela.	,61024	,20153	-,24389	
4. Não gosto de pedir o apoio dele porque sei que não me compreenderia.	,60281		,24627	
85. A minha namorada aceita-me como eu sou.	,59420			
<i>Dependência</i>				
57. Só consigo enfrentar situações novas se ela estiver comigo.		,71395		
39. Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.		,69917	-,32775	
80. Quando não podemos estar juntos, eu não sei o que fazer.	,16099	,69656	-,15322	
55. Fico nervoso ao pensar que posso perder a minha namorada.		,66282	-,39066	
41. Quando não podemos estar juntos, sinto-me abandonado.		,65026	-,23247	,15553
71. Ela tem uma importância decisiva naquilo que eu sou.		,62279		

Factores	F 1	F 2	F 3	F 4
Dimensões/ Itens				
15. Apesar de haver coisas que não gosto no meu namorado, no fundo eu gostaria de ser igual a ele.		,58842		
53. Eu e a minha namorada é como se fôssemos uma pessoa só.	-,36099	,55657		-,24887
90. Quando tenho um problema, só o facto de pensar nela põe-me mais calmo.	-,25823	,53088	-,17012	
13. Tenho medo de ficar sozinha se perder o meu namorado.		,52390	-,42283	
2. Fico nervoso se não consigo encontrar a minha namorada quando preciso dela.		,49787	-,22460	,29511
68. Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ela for comigo.	-,27074	,48797	-,16060	
<i>Evitamento</i>				
45. É-me indiferente quando a minha namorada prefere fazer coisas com outras pessoas.			,67801	-,16895
16. Quando algo de grave acontece comigo, prefiro não estar perto dela.	,32450		,56163	
9. Não preciso dos cuidados da minha namorada.	,27810	-,19686	,54693	
38. Na minha vida pessoal, a minha relação com a minha namorada é secundária.	,21779	-,22946	,54568	,17645
3. Não me preocupa não podermos estar juntos durante as férias.		-,23662	,54339	-,20242
24. Para me sentir bem comigo próprio, são mais importantes outras coisas do que a minha namorada.		-,31065	,53401	,21394
34. O apoio dela não é muito importante para mim. Sei que sou capaz de resolver as coisas sozinho.	,39927	-,24036	,52695	
49. Prefiro que a minha namorada me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	,27788		,52156	,16034
58. Sempre achei que, apesar de gostar da minha namorada, não vou sentir muito a falta dela se a relação terminar.	,21097	-,29212	,51045	
79. Quando tenho problemas nem sempre gosto de procurar a minha namorada.	,39937		,50934	,15115
70. Sei que se a minha relação terminar isso não me vai afectar muito.	,21556	-,34151	,49353	
29. Quando tenho um problema prefiro ficar sozinho a procurar a minha namorada.	,32765		,49337	
20. Não costumo precisar do apoio do meu namorado.	,35359	-,34398	,44591	
<i>Ambivalência</i>				
50. Fico irritado quando combinamos coisas e ela não pode estar comigo.				,65850
8. Fico furiosa quando preciso do apoio do meu namorado e verifico que não posso contar com ele.				,61874
69. Sinto-me posto de lado, quando ela decide fazer coisas com outras pessoas.		,26477		,60930
89. Gostava que a minha namorada me ligasse mais.	,25997			,55411
87. Gostava de ser a pessoa mais importante para ela, mas não estou certo que assim seja.	,20524			,54321
44. Às vezes sinto admiração por ela, outras vezes não.		-,16803	,17484	,53410
33. Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	,40149	-,18149		,51279
59. Apesar da minha relação ser muito importante, muitas vezes sinto-me sozinha.	,18261	,21610	,26261	,42993
63. Às vezes acho que ele é fundamental na minha vida, mas outras vezes não.	,15696	-,26948	,32405	,42445
Valor próprio	11,763	5,003	2,037	1,839
Percentagem de variância total explicada	25,573	10,875	4,428	3,997
Variância total explicada				44,873

Nota: Os valores das correlações omissos são todos inferiores a 0,15. Na escala original, os itens estão formulados na perspectiva de ambos os sexos.

O primeiro factor (N=12) é bipolar e explica 14,1% da variância total, sendo que as saturações variam entre 0,59 e -0,69. É composto por itens que avaliam as percepções do sujeito relativamente à responsividade e à sensibilidade do companheiro para satisfazer as necessidades do sujeito, a medida em que este é percebido enquanto fonte de conforto e de apoio e se constitui como base segura de incentivo à exploração. Foi denominado '*confiança no companheiro enquanto figura de vinculação*'. No entanto, como os itens com conteúdos conotados positivamente apresentam saturações negativas, quando nos referirmos a este factor, utilizaremos a designação de '*desconfiança no companheiro enquanto figura de vinculação*'. Refira-se que, em estruturas factoriais iniciais, este factor, para além de replicar consecutivamente, era mais extenso, apresentando pelo menos mais 4 itens com saturações superiores a 0,45. A retirada destes itens deveu-se ao desejo de aumentar a percentagem de variância total explicada e ao facto de a consistência interna não sofrer alterações significativas, procurando-se, ainda, uniformizar, na medida do possível, o número de itens por factor.

O segundo factor reúne igualmente 12 itens, explica 12,2% da variância total e as saturações oscilam entre 0,47 e 0,71. Este factor inclui itens que avaliam a necessidade de proximidade física e emocional, a ansiedade de separação e o medo da perda, tendo sido designado de '*dependência*', pelo facto de a maioria dos seus itens estarem formulados de forma a traduzirem níveis bastante elevados de cada uma destas componentes. Curiosamente, neste factor apenas com excepção de dois itens, todos os restantes foram

inicialmente pensados para traduzir o protótipo preocupado.

O terceiro factor é constituído por 13 itens, cujas saturações variam entre 0,48 e 0,66 e explica 11,3% da variância total. Os conteúdos dos itens organizam-se em torno de uma dimensão que apelamos de '*evitamento*' e que revelam o papel secundário do companheiro amoroso no preenchimento de necessidades de vinculação, bem como a concentração do sujeito na sua própria capacidade de resolução de problemas. Mais uma vez os itens deste factor, e com nenhuma excepção, aparecem associados a um protótipo de vinculação, desta vez o desinvestido.

O quarto factor congrega 9 itens com saturações entre 0,41 e 0,64 e explica 7,3% da variância total. Este factor, designado de '*ambivalência*', traduz a insegurança do sujeito expressa, por um lado, numa forte irritabilidade perante situações imprevisíveis e, por outro lado, na dúvida relativamente ao papel que desempenha enquanto figura amorosa, bem como nas suas próprias emoções face ao companheiro. Este factor era inicialmente mais pequeno, tendo-se, no entanto, adicionado dois itens supostamente próximos do conteúdo avaliado pelo factor, aumentando, desta forma, a sua consistência interna (Dawis, 1987). Note-se que estes itens haviam sido retirados num primeiro momento, pelo facto de apresentarem saturações inferiores a 0,40. Todavia, quando foram reintroduzidos na nova configuração factorial, assumiram valores superiores a 0,40 no factor em causa, não se tendo verificado uma alteração factorial da estrutura interna do instrumento.

Consistência interna

A avaliação da consistência interna do instrumento recorreu à utilização do coeficiente *alpha* de Cronbach, que aponta para valores elevados para as quatro dimensões, sendo que, em todas as dimensões, a amostra

feminina apresenta valores mais elevados do que a amostra masculina, conforme indica o Quadro 2. A dimensão ‘ambivalência’ é aquela que tem uma menor consistência interna relativamente às restantes, ainda que os seus valores estejam dentro dos mínimos considerados aceitáveis.

Quadro 2. Valores de alpha de Cronbach para a amostra total e de acordo com o sexo

Factores	Nº itens	Amostra		
		Total	Feminina	Masculina
Desconfiança	12	0,90	0,91	0,86
Dependência	12	0,88	0,89	0,85
Evitamento	13	0,87	0,88	0,84
Ambivalência	9	0,75	0,77	0,70

Correlações entre as dimensões

Tendo em conta os conteúdos de cada factor, as correlações entre os factores, avaliadas a partir do coeficiente de correlação de Pearson, apontam no sentido esperado. Ou seja, verificam-se correlações significativas e positivas entre a ‘desconfiança’ e o ‘evitamento’ ($r = 0,63$; $p = 0,01$), entre a ‘desconfiança’ e a ‘ambivalência’ ($r = 0,45$; $p = 0,01$), a ‘ambivalência’ e o ‘evitamento’ ($r = 0,27$; $p = 0,01$), e correlações significativas e negativas entre a ‘dependência’ e o ‘evitamento’ ($r = -0,58$; $p = 0,01$) e a ‘dependência’ e a ‘desconfiança’ ($r = -0,35$; $p = 0,01$). A magnitude das correlações moderadamente elevadas no que diz respeito às combinações desconfiança – evitamento e dependência – evitamento indicam a presença de variância comum de cerca de 37% e de 27%, no pri-

meiro e no segundo caso, respectivamente, pelo que é de supor que estes factores avaliem aspectos da vinculação relacionados, ainda que não sobrepostos.

VALIDADE DE CONSTRUCTO

No sentido de avaliar a existência de configurações específicas na organização das dimensões, foram realizados procedimentos estatísticos de análise de *clusters* (K-Means e Simple Euclidian Distance). Pretendia-se testar em que medida os padrões de resultados que definiriam os diferentes *clusters* de indivíduos seriam consistentes com o modelo de Bartholomew, esperando-se que os valores nas dimensões avaliadas pelo instrumento se organizassem por forma a evidenciarem os quatro protótipos de vinculação - o seguro, o preocupado, o amedrontado e o desinvestido.

Critérios de interpretabilidade apoiaram uma solução em 4 *clusters*, tendo-se testado outras soluções, nomeadamente em três *clusters*, de acordo com o sistema de classificação de Hazan e Shaver (1987). Após determinação

da solução, realizaram-se igualmente Manovas para observar a variabilidade de cada uma das dimensões em função dos *clusters* de pertença e legitimar a especificidade de cada configuração (Quadro 3).

Quadro 3. Clusters do QVA e resultados da análise multivariada

Cluster Dimensão	Cluster 1 AMEDRONTADO n = 112	Cluster 2 PREOCUPADO n = 145	Cluster 3 DESINVESTIDO n = 15	Cluster 4 SEGURO n = 93
Desconfiança	22,42 ^a	15,95 ^b	34,93 ^c	16,94 ^b
Dependência	27,52 ^a	34,59 ^b	16,53 ^c	23,12 ^d
Evitamento	28,25 ^a	18,36 ^b	37,20 ^c	24,47 ^d
Ambivalência	22,95 ^a	19,16 ^b	22,67 ^a	17,70 ^c

Nota: Diferentes letras identificam diferenças significativas dos valores indicados na célula à significância estatística de $p < 0,001$.

Os resultados apontam, assim, para a possibilidade de os *clusters* serem interpretados à luz do modelo de Bartholomew. Senão vejamos: no *cluster 4* encontramos o grupo de sujeitos menos ambivalente face aos outros em comparação com todos os grupos, e aquele que têm graus moderados de dependência, de evitamento e de desconfiança. Este *cluster* parece evidenciar o protótipo de vinculação segura e caracteriza 25,5% da nossa amostra.

No *cluster 2* verificamos que os valores de dependência são claramente os mais elevados relativamente aos outros grupos e os de evitamento os mais baixos. Estão incluídos aqui igualmente os sujeitos que têm uma atitude de menor desconfiança, ou se quisessem de maior confiança no outro enquanto

figura de vinculação. Apresentam, ainda, mais ambivalência do que os sujeitos do *cluster 4*, supostamente revelador do padrão seguro, o que poderá ser indicador do facto de que, apesar de revelarem bastante proximidade com os companheiros, estes sujeitos manifestam igualmente alguma insatisfação quanto ao apoio obtido. Estes valores parecem definir o protótipo de vinculação preocupado e abrangem 39,7% da nossa amostra.

O *cluster 1*, por oposição bem definida relativamente aos outros grupos, apresenta valores elevados simultaneamente nas dimensões de desconfiança, de dependência e de evitamento. Parece assim evidenciar a dinâmica relacional do protótipo amedrontado, caracterizado pelo desejo de intimidade,

explicado pelos valores de dependência, mas igualmente pelo medo de intimidade ou proximidade emocional, indicado pelos valores de evitamento. Note-se que se tratam também dos sujeitos com valores mais elevados de ambivalência, embora não significativamente diferentes do *cluster* 3 que supostamente descreverá o protótipo desinvestido. O *cluster* 1 representa 30,7% da nossa amostra.

Finalmente, o *cluster* 3 reúne o grupo de sujeitos com os valores mais elevados de desconfiança e de evitamento, bastante distanciados de todos os outros, que poderá precisamente indicar a desvalorização das relações e a existência de um modelo negativo acerca do outro. É igualmente o grupo que apresenta os valores mais reduzidos de dependência, significativamente inferiores a de todos os outros, incluindo o próprio seguro como seria de esperar. Este padrão está representado em apenas 4,1% da nossa amostra.

DISCUSSÃO

Ao longo do presente artigo procurou-se descrever o processo de elaboração de um instrumento original de avaliação das representações de vinculação amorosa, bem como apresentar os resultados de um estudo realizado para a validação do mesmo.

Os procedimentos de análise factorial realizados apontam para uma estrutura factorial em torno de 4 dimensões, consistentes internamente e teoricamente interpretáveis de acordo com a teoria da vinculação. Muito embora se tenha assistido, conforme previsto e desejado, a uma redução do número inicial de itens, todas as dimensões conceptuais que apoiaram a elaboração do instrumento estão contempladas na estrutura final do instru-

mento. Deste modo, considera-se que estão representados os aspectos teóricos e conceptuais mais relevantes para definir e caracterizar as relações de vinculação no jovem e no adulto.

Os resultados apontam, ainda, para o facto das dimensões factoriais poderem organizar configurações de vinculação, teoricamente consistentes. O recurso à análise de *clusters* como metodologia de divisão dos sujeitos em grupos, aliás utilizada por alguns autores no domínio da vinculação (Feeney, Noller & Hanrahan, 1994), prende-se com o facto de não ser ainda possível, com base nas médias de uma única amostra, decidir dos critérios numéricos de distribuição dos sujeitos pelos diferentes protótipos. Em todo o caso, as diferenças encontradas nas médias das dimensões do QVA, evidenciadas a partir da análise de variância multivariada, sugerem a validade de constructo do instrumento, sendo possível identificar grupos com padrões distintos de vinculação. Saliente-se, por exemplo, o facto de o *cluster* 1 reunir sujeitos com características simultaneamente de dependência e de evitamento e desconfiança, tão reveladoras do padrão amedrontado, grupo este que não seria facilmente apreendido a partir das correlações negativas encontradas entre estas dimensões. Isto é, o valor moderadamente elevado observado na correlação entre a dependência e o evitamento ou a dependência e a desconfiança faz esperar que os sujeitos que tenham valores elevados numa dimensão apresentem valores baixos na outra. No entanto, verifica-se que, muito embora uma parte significativa da variância possa seja atribuída a variância comum, as dimensões não se excluem mutuamente, e apresentam conteúdo substantivo distinto.

A percentagem de distribuição dos sujeitos pelas diferentes configurações levanta, todavia, algumas questões que merecem a nossa atenção. De facto, assistimos a uma distribuição dos sujeitos que não coincide globalmente com aquelas habitualmente observadas nos estudos que utilizaram um sistema de classificação em quatro categorias (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan & Morris, 1997; Brennan, Shaver & Tobey, 1991; Diehl, Elnick, Bourbeau & Labouvie-Vief, 1998; Pistole, 1995). Tendo em conta a amostra total, a percentagem de sujeitos seguros é mais baixa, a de sujeitos preocupados mais alta e a de sujeitos desinvestidos, por sua vez, mais baixa. No que toca os sujeitos amedrontados, o valor situa-se no intervalo daqueles que foram encontrados em outros estudos e que apresentam grande variabilidade.

Diversas razões podem ser invocadas para explicar este cenário. Por um lado, ele pode dever-se ao método utilizado na classificação dos grupos, a análise de *clusters*, por oposição ao recurso directo a medidas categoriais da maior parte dos estudos, questão esta que deverá ser explorada no futuro a partir da utilização simultânea de metodologias de observação diversas (como, por exemplo, as entrevistas semi-estruturadas e os questionários que permitam uma classificação directa dos sujeitos pelos estilos). Por outro lado, este cenário poderá ser revelador dos processos desenvolvimentais que caracterizam os

adolescentes na abordagem das relações amorosas. A elevada percentagem de sujeitos supostamente preocupados poderá traduzir a tendência para a procura exacerbada de proximidade com os pares, bem como a grande importância atribuída à aceitação dos outros na avaliação de si próprio, tão habitual nesta etapa do desenvolvimento. Por sua vez, a percentagem de amedrontados poderá, de algum modo, traduzir os ensaios de aproximação e de afastamento nas relações amorosas dos adolescentes, indicativos das tentativas de conciliar necessidades de vinculação e necessidades de independência (Paul & White, 1990; Shulman & Knafo, 1997). Finalmente, esta distribuição poderá estar relacionada com o facto de o questionário avaliar relações específicas e não orientações gerais nas relações amorosas, como acontece com uma grande maioria dos estudos, sendo assim sensível às particularidades relacionais de cada diáde.

Para finalizar, apenas gostaríamos de recordar que, muito embora se possa afirmar que o instrumento apresenta características que permitem a sua utilização para efeitos de investigação, apenas se pretendeu, neste artigo, dar conta do início do processo de testagem do mesmo. Deste modo, encontram-se já em curso outros estudos empíricos, cujo objectivo é justamente continuar a avaliar a validade do instrumento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior*. New York: Basic Books.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. London, N.Y.: Routledge.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, *46*, 331-341.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 226-244.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, *7*, 147-178.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation, anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, *130*, 201-210, 421-431.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*, Vol. 3: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. Londres: Hogarth Press (1ª Edição 1969).
- Brennan, K.A., Shaver, P.R., & Tobey, A.E. (1991). Attachment styles, gender and parental problem drinking. *Journal of Social and Personal Relationships*, *8*, 451-466.
- Cattell, R.B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research*, *1*, 245-276.
- Comrey, A. (1978) Common methodological problems in factor analytic studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *46*, 648-659.
- Dawis, R.V. (1987). Scale construction. *Journal of Counseling Psychology*, *34*, 481-489.
- Diehl, M., Elnick, A.B., Bourbeau, L.S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult attachment styles: Their relations to family context and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 1656-1669.
- Feeney, J. A., Noller, P. & Hanrahan, M. (1994). Assessing adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults* (pp. 128-152). N.Y.: The Guilford Press.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1984). *Attachment interview for adults*. University of California at Berkeley. Manuscrito não publicado.
- Griffin, D. & Bartholomew, K. (1994a). The metaphysics of measurement: The case of adult attachment. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships*, Vol. 5, *Attachment Processes in Adulthood*, pp. 17-52. London: Jessica Kingsley.

- Griffin, D. & Bartholomew, K. (1994b). Models of self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 430-445.
- Hazan C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C. & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in Personal Relationships, Vol. 5, Attachment Processes in Adulthood* (pp. 151-177). London: Jessica Kingsley.
- Kaczmarek, P., Backlund, B., & Biemer, P. (1990). The dynamics of ending a romantic relationship: An empirical assessment of grief in college students. *Journal of College Student Development*, 31, 319-324.
- McCabe, M.P. (1984). Toward a theory of adolescent dating. *Adolescence*, 19, 159-170.
- Okun, M., Taub, J., & Witter, R. (1986). Age and sex differences in negative life events and students services usage. *Journal of College Student Personnel*, 3, 160-164.
- Paul, E.L. & White, K.M. (1990). The development of intimate relationships in late adolescence. *Adolescence*, 15, 375-400.
- Pistole, M.C. (1995). College students' ended love relationships: Attachment style and emotion. *Journal of College Student Development*, 36, 53-60.
- Pistole, M.C. (1996). After love: Attachment styles and grief themes. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families, Vol. 4*, 199-207.
- Roscoe, B., Diana, M.S., & Brooks, R.H. (1987). Early, middle, and late adolescents' views on dating and factors influencing partner selection. *Adolescence*, 22, 59-68.
- Shaver, P.R., Hazan C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems: In R.J. Sternberg & M. Barnes (Eds.), *The anatomy of love*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Shulman, S. & Knafo, D. (1997). Balancing closeness and individuality in adolescent close relationships. *International Journal of Behavioral Development*, 21, 687-702.
- Skipper, J.K. & Nass, G. (1966). Dating behavior: A framework for analysis and an illustration. *Journal of Marriage and the Family*, 28, 412-420.
- Tinsley, H.E.A. & Tinsley, D.J. (1987). Uses of factor analyses in counseling psychology research. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 414-424.
- Trinke, S. & Bartholomew, K. (1997). Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 603-625.

*Este estudo insere-se no âmbito de um projecto de investigação mais alargado sobre a ecologia das relações de vinculação, financiado pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia (PRAXIS XXI, PCSH/C/PSI/84/96). Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na VI Conferência Internacional «Avaliação Psicológica: Formas e Contexto», Novembro de 1998, Salamanca, ESPANHA.